

Boletim Internacional



Ano VI nº 01 26.01.2006

Marcha abriu o Fórum Social Mundial

Numa caminhada de mais de quatro horas, as referências a Hugo Chávez, Presidente da Venezuela, foram uma marca quase consensual na manifestação que abriu, nesta terça-feira, 24, o VI Fórum Social Mundial. Também como pauta única: a luta "contra a guerra, o imperialismo e o terrorismo", como estampava a faixa conduzida por lideranças de diversas nacionalidades à frente da marcha. A defesa da "revolução bolivariana", liderada pelo presidente venezuelano, foi quase uníssona. A marcha se estendia por centenas de metros e aglutinou a grande maioria dos participantes do Fórum, estimados em 120 mil pessoas.



Foto: Juliana Bruce/Ciranda

Depois da marcha, foi aberto espaço para discursos inflamados contra um alvo também comum entre os participantes do Fórum: o Governo dos Estados Unidos, George W. Bush e seu "imperialismo". Num palco montado no trecho final da passeata, estadunidenses como Medea Benjamin, integrante da organização Mulheres Dizem Não à Guerra, foram os convidados especiais da noite. Ela convidou as milhares de pessoas que assistiam ao encerramento para participar de mobilizações em todos os países, em frente às embaixadas dos Estados Unidos, no dia 08 de março.

Outra estadunidense, Cindy Sheenan, mãe de um soldado dos EUA morto na invasão do Iraque, conclamou a todos e todas a lutarem contra o mandatário do seu próprio país, que, para ela, é motivo de "vergonha" para os cidadãos estadunidenses. Sheenan disse repetidamente que os atos levados a cabo pelo presidente estadunidense não são uma "causa nobre". Os discursos de pessoas dos próprios Estados Unidos contra Bush foram o ponto alto para a multidão, que vê nelas a possibilidade de construir uma oposição por dentro do país "imperialista". Como parte do público, uma delegação de cerca de 500 cubanos, enviados em grande número como recado de solidariedade de Fidel Castro com o governo venezuelano.

Um representante do Brasil também subiu ao palco, mas não para exigir direitos ou vociferar contra Bush. O diretor da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), com voz embargada, foi noticiar e lamentar a morte de quatro estudantes brasileiros, que iam de Minas Gerais para Caracas. Segundo o representante da Ubes, todos os que lhe assistiam, no final da marcha, deveriam fazer o máximo possível para construir o "outro mundo possível", como forma de respeito aos que tombaram no ônibus mineiro.

A viagem à Caracas para participar do Fórum foi organizada pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (DCE-UFMG). O órgão fretou um ônibus da empresa Labitur Turismo e Excursões, de Belo Horizonte. O trajeto definido pela empresa passava por Bolívia, Peru, Equador e Colômbia.

O grupo saiu de Belo Horizonte na quinta-feira, 19, no período da tarde. O acidente aconteceu nesta terça-feira, 24, por volta de 2h10min da madrugada, na região sul do Peru. Segundo relato da estudante de Comunicação Social, Marina Utsch, que integra o grupo e é correspondente da rádio UFMG Educativa, o veículo não conseguiu fazer a curva e tombou do

lado esquerdo, após tentativas do motorista de freá-lo. Mas a causa oficial do acidente ainda é desconhecida.

Organização diferente

Organizada em blocos - "colunas", como chamam os grupos de esquerda -, a marcha de 2006 teve um tom diferenciado. Este ano, não houve os tradicionais trios e carros que ocupam grande parte das manifestações no Brasil, por exemplo. Em vez disso, músicas, com coros multinacionais, bongôs, zabumbas e outros instrumentos tradicionais da comunidade andina comandavam o repertório.

Como não podiam faltar, os diversos grupos, correntes, partidos e ONGs buscavam demarcar seu espaço com faixas enormes. Do Brasil, somente dois partidos conseguiram montar um "bloco" mais coeso, com alguma visibilidade: o Partido Comunista do Brasil (PC do B), com algumas dezenas, e o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). O grupo brasileiro Crítica Radical, do Estado do Ceará, provocou polêmica ao produzir uma faixa que acusava presidentes progressistas da América Latina, inclusive Chávez, de "administrar a crise do capitalismo". O grupo sofreu assédios de apoio e de repulsa de alguns participantes da marcha.

O Partido dos Trabalhadores (PT), um dos principais impulsionadores do Fórum Social Mundial, nas administrações de Porto Alegre e Rio Grande do Sul, teve a participação de filiados e simpatizantes, que geralmente caminhavam sozinhos ou em pequenos grupos na manifestação. O ex-ministro e deputado cassado José Dirceu também participou do ato como uma pessoa "comum". Ainda assediado, posou para fotos e distribuiu alguns autógrafos. (Daniel Fonseca, Jornalista cearense participante do VI Fórum Social Mundial)
(Adital, 25.01.2006)

Alternativas ao neoliberalismo

Combate ao imperialismo e construção de alternativas ao neoliberalismo

Membro da executiva da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e dirigente da Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS) do Brasil, Antonio Carlos Spis foi escolhido para dirigir a assembléia dos movimentos sociais, realizada nesta quarta-feira (25), no Fórum Social Mundial.

Compuseram a mesa com Spis o dirigente guatemalteco Juan Tinei, da Coordenação Latino-Americana de Organizações do Campo (CLOC) e da Via Campesina; a cubana Gisleide Sosa, presidente da Organização Continental Latino-Americana de Estudantes (OCLAE) e a brasileira Júlia di Giovanni, da Marcha Mundial de Mulheres.

Saudando os participantes do Fórum, Spis ressaltou o significado da revolução bolivariana, "que tem resistido e vencido aos constantes ataques do imperialismo e da mídia anti-nacional". Para o dirigente cutista, "o controle de um setor estratégico como o petróleo pela nação venezuelana faz parte da visão estratégica que coloca as riquezas nacionais a serviço da coletividade e não de uma elite. Da mesma forma, estamos ao lado do povo boliviano, em defesa do gás e do petróleo, que devem estar à disposição da construção do progresso e do desenvolvimento econômico e social".



DEMOCRATIZAR - Com o cartaz da CMS contra a política de terrorismo de Estado de Bush decorando o plenário, Spis conclamou os dirigentes dos movimentos sociais a ampliar a mobilização contra o imperialismo e a guerra. "Bush é um assassino, é o nosso grande inimigo, que representa a agressão, o crime e a miséria. Temos de fortalecer nossas organizações e lutar pela democratização dos meios de comunicação, pois precisamos vencer a batalha das idéias. Para isso, é preciso garantir o direito dos povos a uma informação verdadeira, sem a manipulação das transnacionais ou das elites locais submissas ao seu projeto de desnacionalização e privatização", acrescentou.

O líder guatemalteco Juan Tinei lembrou que há uma grande expectativa com as alternativas propostas pelo FSM, principalmente em relação à luta contra a Alca e os tratados de livre comércio (TLCs). "Da nossa parte, estamos em luta contra o neoliberalismo e em defesa da agricultura, que não pode ser tratada como outra mercadoria qualquer, pois diz respeito à soberania alimentar dos povos. Devemos estar unidos para impedir que as transnacionais continuem impondo seus transgênicos, o assalto a nossa biodiversidade, espalhando a fome e a miséria pelo planeta", declarou.

NEOCOLONIALISMO - Para a presidente da Oclae, Gisleide Sosa, chegou a hora da grande família do Fórum Social Mundial reafirmar uma vez mais sua luta contra a política imperial, por tudo o que significa: "Opressão aos direitos humanos, pilhagem e crime". "Manifestamos aqui nossa solidariedade com todos os presos e torturados nas bases militares estadunidenses pelo mundo, nossa solidariedade às crianças sem alimento, educação e cultura. Com nossa luta, construiremos um outro mundo de paz e justiça", frisou.

Em nome da Marcha Mundial de Mulheres, Júlia di Giovanni denunciou "o crescimento dos mercados de prostituição e tráfico sexual, que movimentam US\$ 52 bilhões anuais, só ficando atrás do tráfico de drogas e de armas". Segundo Júlia, esses números refletem "o crescimento da mercantilização, da perda de direitos e o fechamento de postos de trabalho nos países da periferia do capitalismo global. Como resposta a esses abusos, as mulheres estão ocupando papel de destaque na luta pelos direitos sociais, contra a desigualdade salarial e o imperialismo".

UNE - O presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) do Brasil, Gustavo Petta, enfatizou a importância dos movimentos sociais estarem unificando suas agendas. "As maiores manifestações realizadas no planeta foram contra a guerra no Iraque, convocadas exatamente pelos movimentos sociais no FSM de Porto Alegre. É preciso agora dar continuidade, com unidade, a esse movimento, para que tenhamos êxito nas novas batalhas que estão por vir", concluiu Petta.

Os delegados presentes prestaram homenagem ao dirigente salvadoreno e líder da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN), Shafick Handal, que faleceu quando retornava da posse do presidente boliviano Evo Morales, e aos estudantes brasileiros vítimas de um acidente na cidade peruana de Arequipa. (Leonardo Severo) (*Agência CUT, 25.01.2006*)

A virada à esquerda na América do Sul

José Luís Fiori, para o Valor

Quem viveu e viu, ou mesmo leu ou escutou, a história da América Latina depois da 2ª Guerra sabe que neste início do século XXI acontece algo extraordinário neste continente, talvez uma ruptura revolucionária. Está em curso uma virada massiva e democrática à esquerda de quase todos os países da América do Sul. Quem está agora abrindo ou tentando abrir novos caminhos são homens que não pertencem às elites tradicionais, mas têm objetivos éticos, sociais e políticos muito claros, populares, nacionais e igualitários.

Lembranças e esperanças

Quem viveu e viu, ou mesmo quem leu ou escutou, a história da América Latina depois da 2ª Guerra Mundial, sabe que neste início do século XXI está acontecendo algo extraordinário neste continente, talvez uma ruptura revolucionária. Basta olhar para trás para perceber as notáveis convergências e continuidades que marcaram a história latino-americana: durante suas "guerras de formação", na primeira metade do século XIX; na hora de sua integração "primário-exportadora" à economia industrial européia, depois de 1870; ou mesmo no momento de sua reação defensiva e "desenvolvimentista" frente à crise mundial da década de 1930. Mas não há dúvida que depois da 2ª Guerra Mundial esta "convergência" aumentou muito mais, já agora com ajuda explícita da política externa global dos Estados Unidos.

Logo depois do início da Guerra Fria, ainda nos anos 40, quase todos os países do continente colocaram na ilegalidade, simultaneamente, os seus Partidos Comunistas. Apesar de que só em alguns casos a perseguição aos comunistas tenha chegado ao extremo do Chile, que os prendeu e confinou em campos de concentração nas regiões mais frias e desérticas do país. Na década de 50, esta mesma "convergência latino-americana" reapareceu na derrubada simultânea de vários governos eleitos democraticamente, como no caso da Guatemala, do Brasil, da Argentina e da Colômbia. Apesar de que só no caso da Guatemala houve uma

intervenção norte-americana direta e a repressão e assassinato de mais de 200 mil pessoas - muito mais do que na Colômbia do ditador Perez Jimenez e na Nicarágua e Cuba dos ditadores Anastázio Somoza e Fulgêncio Batista, apoiados igualmente pelos Estados Unidos. Logo em seguida, nas décadas de 1960 e 1970, esta velha sintonia continental aumentou ainda mais depois da frustrada invasão de Cuba, em 1961, seguida de uma série de golpes militares que instalaram regimes ditatoriais em quase toda a América Latina. Apesar de que em nem todos os países as ditaduras tenham tido o mesmo nível de violência do Chile, onde estima-se que tenham morrido mais de 20 mil pessoas, e da Argentina, onde foram assassinados ou desapareceram cerca de 35 mil pessoas. Na década de 80, a redemocratização simultânea do continente ocorreu no mesmo momento em que a violência da "2ª Guerra Fria" (1982-1985) do presidente Ronald Reagan atingiu a América Central e o Caribe como se fosse um tufão. Mesmo quando ela não atingiu a todos com a mesma intensidade que a El Salvador, onde foram mortos ou assassinados, em poucos anos, mais de 75 mil salvadorenhos.

Com o fim da Guerra Fria, na década de 1990, a "indução" norte-americana e a convergência dos "latinos" se deslocou para o campo das políticas econômicas. Como parte de renegociação de suas dívidas externas, quase todos os Estados da região adotaram um programa comum de políticas e reformas liberais que abriu, desregulou e privatizou suas economias nacionais, "clonificando" os governos neoliberais de Salinas, Andrés Perez, Menem, Cardoso e Fujimori. Com o passar do tempo, entretanto, o novo modelo econômico instalado pelas políticas liberais não cumpriu sua promessa de crescimento econômico sustentado e diminuição das desigualdades sociais. Na virada do novo milênio, a frustração destas expectativas contribuiu, decisivamente, para a nova inflexão sincrônica do continente que está em pleno curso: uma virada massiva e democrática à esquerda de quase todos os países da América do Sul, e talvez, em breve, do México.

Neste sentido, a recente eleição de Evo Morales, na Bolívia, foi apenas um ponto de uma trajetória e de uma convergência que pode seguir durante o ano de 2006. Apesar de que nem todos os novos governantes tenham feito o mesmo que o presidente argentino, Nestor Kirchner, ao denunciar ao presidente Bush, face a face, na abertura da 4ª Cumbre de las Américas, que "as políticas aplicadas na América Latina, sob liderança dos EUA, não só provocaram miséria e pobreza, mas também instabilidade institucional em toda a região, com a queda de governos eleitos democraticamente...", e que "o FMI atuou em relação aos nossos países como promotor e veículo de políticas que causaram pobreza e sofrimento ao povo da Argentina".

Neste momento, esta nova situação emergente deixa no ar uma dúvida e uma decepção, mas também uma enorme esperança. Dúvida, com relação ao comportamento que terão os Estados Unidos. Neste ponto, a história passada não estimula otimismo, mas não é impossível uma repactuação da hegemonia norte-americana, dentro do "hemisfério ocidental", se os "latinos" souberem atuar conjuntamente. Decepção, com relação à pobreza das idéias e dos projetos dos social-democratas e dos conservadores neste momento tão desafiador da história continental. O debate político e ideológico entre os dois tem sido de uma mediocridade e monotonia indigesta, quase sempre sobre as milimétricas diferenças que separam uma social-democracia sem idéias próprias e um conservadorismo de uma idéia só, a do medo do "populismo macroeconômico". Mas mesmo fora deste "binômio", o "mundo das idéias" tem estado na defensiva e cumprindo apenas o papel de racionalizador de interesses específicos e muito transparentes. Além disto, não existe em lugar algum novas "síntese teóricas", "utopias empacotadas" ou projetos acabados na cabeça dos intelectuais. Por isso, na América Latina, quem está agora abrindo ou tentando abrir novos caminhos são homens que não pertencem às elites tradicionais e são pouco "cosmopolitas", mas têm objetivos éticos, sociais e políticos muito claros, populares, nacionais e igualitários. São críticos das políticas neoliberais e do intervencionismo imperial dos Estados Unidos, mas defendem um projeto político e econômico sul-americano que não desconhece a importância norte-americana, nem propõe nenhum tipo de isolacionismo "indigenista". Um bom ponto de partida, e motivo de justa esperança para quem já viveu e viu tantas derrotas da esquerda neste continente governado há tanto tempo por elites conservadores, quase sempre submissas e subalternas.

José Luís Fiori é professor titular do Instituto de Economia da UFRJ e autor do livro "O Poder Americano" (Editora Petrópolis). (*Valor Econômico*, 09.01.2006)

O Ano Novo no petróleo

Haroldo Lima - Diretor-geral da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP)

A auto-suficiência na produção de petróleo não será a única boa notícia que o setor de petróleo e gás espera dar aos brasileiros em 2006. Há outras. A contribuição do setor ao Produto Interno Bruto, que era de 2,75% em 1997, e que chegara a 9,05% em 2004, provavelmente estará por volta de 9,5% em 2005, tendo em vista que o setor continua em expansão e a economia brasileira em desenvolvimento contido. O setor cresceu 318% de 1997 a 2004, no mesmo período em que a economia brasileira não foi além dos 26%.

As reservas provadas de óleo deram verdadeiro salto de 1997 a 2004, saindo de 7,1 bilhões barris para 11,2 bilhões. As de gás natural cresceram 43,2%, passando de 227 bilhões de m³ para 326 bilhões de m³.

Os investimentos esperados para a área são vultosos. Poderão chegar, nos diversos segmentos da indústria de petróleo e gás, incluindo a petroquímica, entre 2006 e 2010, à cifra de US\$ 66,2 bilhões, 52% em exploração e produção (E&P), com a Petrobras, que tem se fortalecido sobremaneira, comparecendo com US\$ 49,3 bilhões, ficando o restante, US\$ 16,9 bilhões, com as demais empresas brasileiras e estrangeiras do ramo. Em decorrência, a criação de empregos será significativa, sendo que, só a Petrobras indica, em seu Plano de Negócios para 2006-2010, que seus investimentos promoverão no Brasil cerca de 662 mil empregos, 160 mil diretos e 502 mil indiretos.

A VII Rodada da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, realizada em outubro de 2005, trouxe, por igual, novidades positivas. Recorde anterior no pagamento dos Bônus de Assinatura - os lances em dinheiro feitos pelos concorrentes - foi quase dobrado e recordes também aconteceram nos investimentos mínimos fixados entre as concorrentes vencedoras e a ANP. Além disso, na VII Rodada houve espaço específico, pela primeira vez no Brasil, para pequenos e médios empresários terem acesso à produção de petróleo, com a ANP fomentando o surgimento de uma camada até então inexistente no Brasil, a dos pequenos e médios produtores de petróleo. Empresários dessa faixa reagiram bem a esse novo desafio, registrando-se a habilitação de oitenta e seis empresas, todas nacionais, nessa parte da VII Rodada.

Digno de nota é a evolução das participações governamentais, contadas em royalties e ""participações especiais"". Em 1997, quando não existiam as ""participações especiais"", foram recolhidos R\$ 190,289 milhões de royalties e, de royalties e ""participações especiais"", chegou-se em 2004 ao montante de R\$ 10,5 bilhões, distribuídos entre 790 municípios, dez estados e ministérios ligados à área.

O país vive momento peculiar no segmento do petróleo e gás. Por um lado, descobertas e desempenhos promissores, como apontados; por outro, uma inicial, e aparentemente firme movimentação, no sentido de mudança de matriz energética, de tal sorte que o álcool, o biodiesel e o gás natural perfilam-se para ampliar espaços na oferta nacional de combustíveis. Os combustíveis renováveis e limpos cresceriam muito de importância no consumo nacional, o gás também, o que daria mais consistência à auto-suficiência na produção petrolífera.

Tudo isso se dá em um quadro internacional em que a pressão contra os combustíveis fósseis vai se tornando irrefreável, pelo alto potencial poluidor que têm, o que impulsiona o álcool e o biodiesel, além do gás. A ANP realizou, no mês de novembro do ano passado, de forma vitoriosa, o primeiro leilão de biodiesel no Brasil, quando foram comprados 70 milhões de litros desse combustível. É provável que nesse primeiro trimestre de 2006 realize o segundo leilão.

Duas questões merecem realce: a necessidade de ampliação da área onde as atividades de E&P ocorrem em nosso país - ainda muito pequena - o que demanda estudos de bacias a serem promovidos pela ANP, de acordo com disposição legal, para o que as verbas previstas, se contingenciadas, causam enorme prejuízo; e a importância de não se travar os investimentos programados, para o que urge manter os benefícios fiscais do Regime Aduaneiro Especial para Importação e Exportação de Equipamentos para a E&P de petróleo e gás - o Repetro - cuja vigência foi em boa hora estendida por Decreto do Presidente Lula até 2020, não lhe permitindo fissuras provocadas por interesses de estados localizados, em detrimento do interesse nacional, que podem por em risco a atratividade, e quem sabe a viabilidade, dos grandes investimentos assinalados. (*Jornal do Brasil, 08.01.2006*)

Demissões de olho nos lucros

Um dia depois de a Ford Motor Co. ter confirmado que vai demitir até 30 mil empregados de sua divisão automotiva da América do Norte nos próximos seis anos, o principal executivo da DaimlerChrysler AG, Dieter Zetsche, anunciou ontem que pretende fechar seis mil postos de trabalho de nível gerencial para gerar uma economia de 1,5 bilhão de euros (US\$ 1,8 bilhão) anuais, num momento em que a quinta maior montadora do mundo tenta elevar sua eficiência. Fora do setor automobilístico, a Sony — segunda maior empresa do segmento de produtos eletrônicos — e a fabricante de impressoras Lexmark também avisaram ontem que vão demitir 700 e 825 empregados, respectivamente.

Os cortes na Daimler equivalem a cerca de 20% dos funcionários do setor administrativo e ocorrerão durante os próximos três anos, disse a empresa em comunicado. A montadora já está incorrendo em gastos de aproximadamente 950 milhões de euros para fechar 8.500 vagas do setor de produção nas fábricas alemãs de sua divisão Mercedes. Zetsche também cortou 40 mil vagas entre 2000 e 2004 para ajudar a Chrysler a voltar à lucratividade nos EUA.

Sony vai dispensar 700 pessoas em fábricas nos Estados Unidos

Em 2004, a DaimlerChrysler fechou um acordo com os funcionários da Mercedes na Alemanha para aumentar o número de horas trabalhadas e desacelerar o ritmo dos reajustes salariais, o que faria a montadora economizar cerca de 500 milhões de euros anuais. Em troca, a DaimlerChrysler concordou em não demitir qualquer trabalhador até 2012.

Já a Sony disse que deve fechar 700 postos de trabalho em duas de suas fábricas americanas e que pretende parar de produzir peças para aparelhos de TV de tubo de raios catódicos. Com isso, interromperá a partir de junho sua produção na fábrica de San Diego e, até maio, fechará uma fábrica que produz vidros para TVs localizada em Pittsburg, disse ontem Mina Naito, porta-voz da empresa em Tóquio. A medida faz parte do plano de recuperação da companhia criado em setembro pelo diretor-executivo da Sony, Howard Stringer, que inclui o corte de dez mil postos de trabalho e o fechamento de 11 fábricas.

Por fim, a Lexmark International Inc., a segunda maior fabricante de impressoras dos Estados Unidos, também anunciou ontem que pretende fechar 825 postos de trabalho após os cortes de preços terem reduzido o lucro da empresa no quarto trimestre do ano passado em 47%. O seu lucro líquido caiu para US\$ 82,3 milhões comparativamente aos US\$ 155 milhões do quarto trimestre de 2004, disse ontem a Lexmark em comunicado. Já as vendas recuaram 12%, para US\$ 1,37 bilhão. (Bloomberg News) (*O Globo*, 25.01.2006)

Greve na Gerdau/Ameristeel

Trabalhadores da Gerdau podem entrar em greve nos EUA

Trabalhadores de quatro das cinco fábricas da Gerdau nos EUA devem entrar em greve nos próximos dias contra a retirada de direitos de seus contratos pela empresa.

Leia a notícia completa na nova página da CNM/CUT, em <http://www.cnmcut.org.br/verCont.asp?id=436>

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM-CUT

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes
internacional@cnmcut.org <http://www.cnmcut.org.br>